

INTERTEXTUALIDADE E LEITURA – NEGOCIAÇÕES COMPARTILHADAS POR CRIANÇAS EM SESSÕES DE LEITURA LITERÁRIA

Rosa Maria Hessel Silveira¹
Darlize Teixeira de Mello²

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar episódios de estabelecimento de relações intertextuais, protagonizados por alunos do 4º e 5º ano de uma escola municipal de Porto Alegre, a partir de sessões de leitura de obras ficcionais para crianças. As análises mostram relações intertextuais com outros textos escritos e também da mídia.

Introdução

A concepção de que qualquer leitura sempre se faz em diálogo com leituras anteriores pode lançar luz sobre várias facetas da relação entre leitores/obras. Por outro lado, as teorias textuais e literárias das últimas décadas têm focalizado cada vez mais a própria “literatura como construção intertextual ou auto-reflexiva” (CULLER, 1999, p. 40). A leitura de obras por leitores reais, portanto, encontra vida na confluência entre os textos e a ativação de redes intertextuais por esses mesmos leitores – sempre cambiantes. Tal não é diferente na literatura infantil e em seus pequenos leitores.

É dentro desta vertente argumentativa, que se situa o presente artigo, no qual trabalhamos com dados da pesquisa intitulada “*Percursos e representações da infância em livros para crianças – um estudo de obras e de leituras*”³. Com o objetivo de evidenciar a relevância do estabelecimento de relações intertextuais variadas (inclusive com outras mídias, que não a escrita) na leitura de livros infantis, analisamos alguns episódios de estabelecimento de tais relações, protagonizados por alunos do 4º e 5º ano de uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, a partir de sessões de leitura compartilhada de obras ficcionais para crianças.

Contextualizando os dados e precisando conceitos

O trabalho de campo foi realizado nos anos de 2016-2017 através de sessões de leitura compartilhada, realizada com uma turma de 4º ano (2016) e, posteriormente, com a mesma turma no 5º ano (2017), de uma escola municipal de Porto Alegre. Para a realização das sessões de leitura foram escolhidas oito obras⁴ contemporâneas para crianças, com narrativas ficcionais e de autores variados. As sessões de leitura procuravam focalizar: leitura compartilhada e interativa; conversas sobre a obra, considerando perguntas desencadeadoras, e atividades escritas - elaboradas pelo grupo de pesquisadores e aplicadas em parceria com a professora da turma.

Produzido na vertente dos Estudos Culturais em Educação, o trabalho permitiu constatar o estabelecimento de relações de intertextualidade por parte dos alunos, a partir da análise das

¹ Mestra em Letras e Doutora em Educação pela UFRGS. Professora colaboradora convidada do PPGEducação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora do CNPq.

² Mestra e Doutora em Educação pela UFRGS. Professora da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: mellodarlize@gmail.com.

³ A referida pesquisa é desenvolvida no NECCSO/UFRGS/Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com outras universidades parceiras (ULBRA/Canoas, UFPel) e tem o apoio do CNPq.

⁴ Obras trabalhadas que serviram de base a este estudo: *O Pato, a Morte e a Tulipa*, de Wolf Erlbruch (2009); *Vozes no Parque*, de Anthony Browne (2014); e *Menina Nina*, de Ziraldo (2002). Não abrangemos aqui todas as obras trabalhadas, por limitações de espaço.

negociações feitas entre as suas experiências pessoais, por um lado, e o texto e as imagens do livro trabalhado, por outro. As sessões permitiam evidenciar o processo de interação pela linguagem, “na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos”. (KOCH, 2006, p. 16).

Neste jogo de interlocução entre a obra, os colegas, as pesquisadoras, a professora, observou-se a emergência de relações intertextuais, por vezes provocada intencionalmente na mediação. Não tomamos, neste texto, a intertextualidade no seu sentido estrito, quando um texto “remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação” (KOCH, 2012, p. 18), uma vez que não trabalhamos com os textos escritos infantis. Estamos entendendo relações intertextuais na dimensão da citação, da referência, da alusão e da aproximação entre elementos captados nas obras e outros elementos de conhecimento anterior das crianças leitoras. Tais relações também não se restringiram a textos literários, nem sequer a textos verbais, mas englobaram a referência a outros domínios discursivos (TV, cinema), numa possibilidade apontada por Véron (apud Koch, 2012, p. 5).

Entendemos, também, que esse tipo de movimento do leitor lhe possibilita estabelecer uma fecunda relação entre elementos do texto ali presente, por um lado, e seus conhecimentos prévios, de outro, de forma a construir imagens, sumarizações e redes significativas de compreensão da leitura.

Relações intertextuais – algumas evidências

Para além dos dados fatuais que aqui trazemos, vale a pena resgatar o fato de que a turma, em diferentes momentos, estabeleceu relações intertextuais entre elementos dos livros lidos e discutidos e obras anteriormente trabalhadas pelos alunos em anos anteriores, contos clássicos, como *Chapeuzinho Vermelho*, histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa - produtos muito presentes no cotidiano desses alunos no ambiente doméstico, e textos do gênero textual lendas, a partir do livro *Vozes do Sertão*, de Gomes (2014). Também obras trabalhadas nas sessões de pesquisa reapareciam, através de alusões, em sessões seguintes do projeto.

Passamos agora a comentar algumas dessas relações intertextuais estabelecidas. Uma dessas situações ocorreu na sessão de leitura compartilhada e interativa com a obra *O Pato, a Morte e a Tulipa*, de Wolf Erlbruch (2009). Nesta premiada obra, o autor alemão Wolf Erlbruch nos faz pensar em “para onde vamos”, de maneira a refletirmos sobre o nosso lugar no mundo. “Dizem que a morte nunca atrasa. Mas quem imaginaria que, ao conhecer e se encantar com um pato, ela perderia a noção do tempo e desfrutaria um pouquinho mais da vida? E que este pato a ensinaria a mergulhar no lago, subir em árvores e tirar uma soneca?”, diz o texto da contracapa. (ERLBRUCH, 2012). Nesta obra, a morte é uma das personagens centrais e ela estabelece amizade com o pato. Sua imagem é de um esqueleto do qual podemos ver apenas a caveira, uma vez que a personagem está vestida com uma espécie de bata xadrez de cores sóbrias e calça sapatos comuns. Entretanto, diferentemente da representação mais comum nos produtos culturais para crianças, ela não tem usa capuz. Vejamos alguns excertos dos diálogos travados em sala de aula.



Figura 1: Capa da obra O pato, a tulipa e a morte. – Fonte: (ERLBRUCH, 2012).

Parte I

P1⁵: - O pato morre, ou a tulipa morre, mas como será que tem a ilustração da morte? Como a gente pode desenhar a morte? Alguém tem alguma ideia?

A1 - Uma caveira, com capuz e com machado na mão

P1: Acho que não é bem um machado.

A2 - Uma foice.

P1: - Uma foice! E onde tu já viu isso?

A3 - nos Simpsons

A4- e no Desenho das Crianças Malcriadas

A5- eu já vi uma vez

Parte II – Retomada da obra em outra sessão

P1: - O esqueleto de uma vovozinha... E...(...) Aí vocês me disseram que já tinham visto outros desenhos da Morte, não é?

A5(o): - Sim!

P1: - Vocês lembram ainda?

A5(o): Da Turma da Mônica...

P1: Da Turma da Mônica...

Nesses excertos de sessões de leitura podemos observar a relação estabelecida entre a representação imagética da morte, na obra *O Pato, a Morte e a Tulipa*, de Erlbruch (2012), que não segue fielmente a tradição ocidental, haja vista a utilização de uma roupa xadrez, e a representação da morte na revista em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa (um esqueleto com roupa e capuz preto e foice na mão), os desenhos animados *Simpsons* (semelhante à dos desenhos da Mônica) e o desenho brasileiro *Historietas brasileiras para crianças malcriadas*. De acordo com Giroto; Souza (2010), as conexões feitas com outras experiências de leitura podem facilitar no entendimento do texto. Assim sendo, destacamos que as histórias em quadrinhos são artefatos de leitura muito presentes no ambiente doméstico, constituindo uma referência importante para a representação da morte no imaginário das crianças.

⁵ As siglas usadas correspondem P – pesquisador, A – aluno e PR – professora. A numeração dos pesquisadores e alunos visa apenas proteger o sigilo de seus nomes e mostrar a diferenciação dos enunciadores; a indicação do gênero é feita pela utilização de (a) ou (o).

Observe-se que as conversas destacadas demonstraram uma forte presença na fala dos alunos dos desenhos animados, no caso *Simpsons* e *Historietas brasileiras para crianças malcriadas*, evidenciando-se a interação dos mesmos com a televisão enquanto oferta de entretenimento presente nos lares. Nesse sentido, a representação da morte pareceu ser circulante no universo infantil, a partir dessas diferentes fontes de leitura e comunicação.

Outras evidências da cultura televisiva presentes nas sessões de leitura vieram da conversa sobre a obra *Menina Nina*, de Ziraldo (2002) e *Vozes do Parque*, de Anthony Browne (2014), dois autores consagrados no panorama da literatura infantil.

Ziraldo (2002), em “*Menina Nina*”, obra com acentos autobiográficos, aborda a questão da morte, através da narrativa de acontecimentos envolvendo a morte de uma avó e a tristeza da neta (a menina Nina do título). Em uma determinada passagem, a ilustração – através de uma metáfora visual sobre a continuidade e a reprodução da vida através das gerações – traz, desmembradas, bonequinhas pertencentes a uma matriosca, conhecida boneca russa de sucessivos encaixes.

Nessa sessão, durante a leitura conjunta, emergiu o seguinte diálogo:

P2: Próxima página. Olha tem uma surpresa aqui!

A12(o): Parece boneca russa!

P1: Aonde vocês viram essa boneca?

*A12(o): **Eu vi no Scooby Doo!***

P2: Eu trouxe uma!

Observa-se, assim, como a TV pode fornecer elementos que vão constituindo repertórios de conhecimentos que vão muito além do conhecimento imediato das crianças.

Já na obra *Vozes no Parque*, o autor Browne (2014) traz um mesmo episódio – de encontros e desencontros no ambiente de um parque – pela voz de 4 personagens diversos: duas crianças, o pai de uma e a mãe de outra. Trata-se de uma obra cujas ilustrações, de vivo colorido e riqueza de elementos, trazem inúmeras citações e alusões visuais.

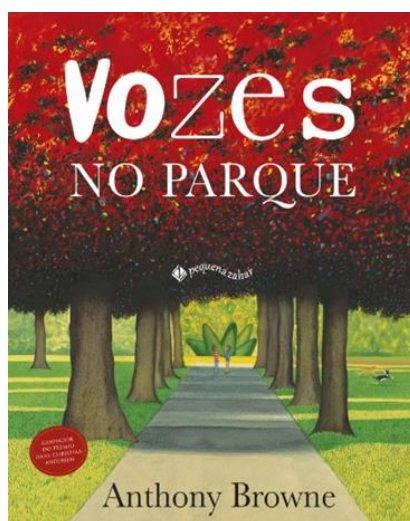


Figura 2: Capa da obra *Vozes no Parque*. – Fonte: BROWNE (2014)

Nessa sessão de leitura, no momento de exploração de vocabulário desconhecido, anteriormente à leitura, ocorre o diálogo abaixo.

P1: Quem sabe o que é um coreto?... É tipo um carrossel mas não tem os cavalinhos né gente? É aberto ali ó! É um palco...

(...)

A9(a): Sora, não é um palco?

P2: Tipo um palco...

P1: É, tem um palco só que coberto... (...)

PR: Tem uma novela que às vezes aparece isso...

[muitos alunos falam juntos]: Cúmplices⁶!

PR: É na Cúmplices de um Resgate, lá no centrinho...

P2: Tem um coreto! Na praça, no centrinho, as pessoas ficavam embaixo pra não pegar muito sol, ou pegar chuva, pra conversar... Isso é um coreto!

Depois, analisando uma imagem do livro em que dois personagens adultos aparecem, um deles sentado, lendo jornal, em um banco do parque, os alunos fizeram mais uma referência a um programa televisivo.

P2: Vamos pra essa [página] agora! O que acontece nessa?

A6(o): As árvores agora são brancas!

A61: E tem um avião quebrado!

P2: Tem um avião quebrado... Que mais?

A5(o): Parece o banco da “Praça é Nossa”.⁷..

Ao analisar essas relações intertextuais, vamos percebendo que os produtos culturais para a infância, como a televisão constituem hoje um dos segmentos de mercado de maior difusão mundial, muito presentes no mundo infantil. Quando temos a possibilidade de compartilhar estes significados com os outros, nós os colocamos em funcionamento e criamos uma arena importantíssima para os processos de significação, arena que foge dos limites espaços-temporais da interação em sala de aula e cria novas formas de interação, conforme aponta FANTIN (2006). Neste sentido, podemos relembrar Bakhtin (2006), quando afirma que todo texto, seja ele oral ou escrito, está impregnado de sentidos explícitos ou implícitos de uma infinidade de outros textos com os quais o autor já teve contato anteriormente.

Assim sendo, nessa ação mediadora entre ato de ler e de falar sobre a obra trabalhada, podemos observar que “o texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente nesse ponto de contato entre textos uma luz brilha, iluminando tanto o posterior quanto o anterior, juntando dado texto ao diálogo [...]”. (BAKHTIN, 2006, p. 162). É nesta perspectiva que se funde o conceito de intertextualidade, que se pretendeu explorar nesse estudo, admitindo e reconhecendo as outras vozes presentes na produção oral dos alunos.

Considerações finais

É interessante pontuar que, no grupo de alunos, observou-se o estabelecimento de relações intertextuais entre elementos dos livros lidos e discutidos tanto com as obras anteriormente trabalhadas quanto com contos clássicos, como João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, e com as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, produtos muito presentes no cotidiano desses alunos no ambiente doméstico. De uma forma significativa, para além dos

⁶ Os tipos de novelas vão se modificando, conforme o ano; no 4º ano – novelas “infantis” – “Cúmplices de um regaste”, no 5º ano – “novelas de público adulto” – “Força do querer”.

⁷A *Praça é Nossa* é um programa de televisão humorístico brasileiro transmitido atualmente pelo canal SBT.

exemplos aqui trazidos, as relações intertextuais também ocorreram com textos da mídia, como referências ao desenho do “Scooby Doo” e “Naruto”, a novela “Cúmplices de um resgate” e aos filmes “Senhor dos Anéis” e “Godzilla”.

Com esse trabalho, assim, percebemos como os alunos negociaram significados dos textos inserindo-os numa rede discursiva mais ampla, pertinente para a compreensão produtiva dos textos.

A ponte entre o “real”, as experiências vivenciadas e a ficção é uma das dimensões que não podem ser perdidas de vista durante a exploração de uma narrativa, de forma que a interação entre os alunos e o texto adquira uma significação mais consistente, contribuindo para uma compreensão que, como sabemos, não é única nem fixa. (DALLA ZEN; SILVEIRA, 2013, p. 55).

Reconhecemos a maleabilidade, a heterogeneidade e o hibridismo da linguagem falada na perspectiva dialógica de linguagem, de sujeito e de autoria de Bakhtin e compreendemos o aluno como um receptor ativo dos produtos da mídia, interlocutor que negocia sentidos em sua compreensão responsiva ativa. Nesse sentido, destacamos que as conversas mediadas de leitura estavam permeadas de diferentes ditos, os ditos dos autores, dos leitores dos mediadores, sendo conversas atravessadas por essa polissemia de vozes.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BROWNE, Anthony. *Vozes no Parque*. São Paulo: ZAHAR, 2014.
- CHAMBERS, Aidam. *Dime*. Espacios para la lectura. Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 2007.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária*. Beca Edições, 1999.
- ERLBRUCH, Wolf. *O pato, a morte e a tulipa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- FANTIN, Mônica. *Crianças, Cinema e Mídia-Educação: Olhares e experiências no Brasil e na Itália*. 2006. 394f. Tese de doutorado – Santa Catarina, UFSC, 2006.
- GIROTTO, Cyntia Graziella G. Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar os alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. et al. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.
- GOMES, Lenice (Org.) *Vozes do Sertão*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2012.
- ZEN, Maria Isabel H. Dalla; SILVEIRA, Rosa Maria H. Surpresa, captura e envolvimento. *Literatura Infantil*, v. único, São Paulo: Segmento, 2013. p. 50-61.
- ZIRALDO. *Menina Nina*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.